

abraçados num cavalinho de madeira e uma boneca; e contou que na sala estava uma imponente árvore com luzes e enfeites piscantes; também contou que a casa toda tinha um aroma maravilhoso de bolo fresco, mas que estava guardado dentro da cristaleira onde não se podia alcançar.

-Ah, - exclamou Felpuda- não conte tanto, melhor deixar as crianças comem.

Mas eles riram da tia barriguda e queriam saber ainda mais, mais do que sabia o bom rato Kiek. Por último eles insistiram que também queriam uma árvore de Natal, e os carinhosos pais realmente foram até a cozinha e trouxeram arrastando um galho que tinha sido cortado do grande pinheiro. Foi uma grande alegria! Os ratinhos guinchavam encantados e começaram a roer a madeira verde do galho de pinheiro; mas tinha um gosto repugnante de resina, então eles desistiram e preferiram brincar entre os ramos do galho. Em seguida eles transformaram toda a despensa em parque de diversões. Corriam prá lá e para cá, caminhavam só com as patas de trás, espiavam curiosos por sobre as prateleiras, em todos os ângulos e brincavam de esconder atrás das caixas de legumes e conservas. Também, o que eles iam fazer com aquele galho bobo que nem tinha nada para comer! Mas quando o menorzinho caiu no pote de geléia de ameixa e teve de ser lambido pela mãe Miek e pelo tio Cinzento, foi dado um fim em toda essa algazarra e eles tiveram de voltar a roer o pão de mel.

Na manhã seguinte a velha cozinheira, balançando a cabeça, encontrou o galho de pinheiro na despensa, além de muitos farelos e algo mais, que não necessariamente pertence à despensa. Vocês podem muito bem imaginar o quê! Quando Gottfried e Lene foram à cozinha dar bom dia para a velha Marie, ela mostrou a surpresa e pensou:

-Eles também festejaram um Natal com gosto!

Mas as crianças cochichavam e riam enquanto buscavam um vaso de planta. Eles plantaram o galho e enfeitaram com doces, nozes quebradas, bolo de mel e pedaços de bacon. A velha Marie resmungava, mas como a mãe observava tudo sorridente, ela acabou cedendo. Ela guardou tudo em segurança e deixou o pinheiro de Natal para as criaturinhas roedoras.

As crianças aplaudiram no dia seguinte, ao encontrar a árvore dos roedores saqueada e desejaram ter ouvido um obrigado do pequeno povo. Mas estes estavam embaixo da soleira da porta e digeriam.

-Aquele bacon eu nunca vou esquecer, dizia Felpuda e Cinzento mordida uma avelã que tinha recolhido. Kiek e Miek estavam, porém, ocupados com seus pequenos. Eles tinham comido pão de mel demais e, vocês sabem, queridas crianças, que isto não faz bem!

Tradução de Cristiano Kunst

As gralhas

Entre as gralhas foi programada uma grande assembléia. Um mensageiro do Conselho dos Anciões tinha convidado todas as gralhas adultas para o jardim do castelo. Uma cabana isolada e quase em ruínas deveria ser o ponto do encontro.

O inverno foi extremamente frio, uma capa grossa de neve cobria a terra. Foi uma temporada dura para todos os seres vivos e para os pássaros em especial. Por essa razão, o Conselho dos Anciões tinha convocado a assembléia. Na hora marcada, as gralhas apareceram em grandes bandos; a fome e o tédio; a miséria e a curiosidade as tinham levado para lá. Havia gralhas cinza e pretas, pesadas e graciosas, as gralhas jovens de bicos amarelos e as bisavós de grande experiência. Todas se acomodaram ansiosas em volta da velha cabana.

Uma gralha cabeçuda tomou a palavra.

-Meus caros amigos, grasnava ela; vocês conhecem a miséria que nos trouxe até aqui. Nessas épocas difíceis, não conseguimos encontrar nosso pão de cada dia e alguns já morreram de fome em nossos campos. Muitas de nós estão tão fracas que quase já não podem voar. A culpada é a neve, esta praga do céu que não tem outro objetivo senão complicar a vida das gralhas. Se ela não existisse, seria possível encontrar o necessário.

- Durante muitas noites sem dormir, eu me dei conta disso e decidi fazer a seguinte proposta: Devemos levar a neve embora e deixar a terra livre; todos devem trabalhar juntos nessa tarefa que irá salvar a nós todos. Vocês estão de acordo com isso?

-Sim, estamos, estamos, gritava o povo dos pássaros, grasnando ansiosamente; apenas uma única voz perguntou:

-Mas como?

- É o que vocês vão escutar agora, dizia a gralha sábia, enquanto limpava o

seu bico e, arrumando-se orgulhosamente, seguia falando, colocando cara de importante:

-Não é uma tarefa simples que exijo de vocês; levar a neve embora não é coisa das mais fáceis. Cada um carrega tudo o que puder sobre as suas costas e asas e assim juntamos a neve num monte, até que a terra esteja limpa.

Uns anciões sacudiam a cabeça duvidosamente, porém a maioria das gralhas aplaudia a oradora e no dia seguinte começou a grande obra.

As gralhas eram trabalhadoras como nunca antes, quase mais do que as suas forças permitiam. Mas mesmo assim, depois de oito dias, só um único sulco estava limpo. E o que encontravam lá de alimentos, não era suficiente para dez bicos famintos. Naquele momento, muitas já estavam cansadas e abandonaram suas companheiras. Passados mais de oito dias, nenhum trabalhador se apresentou.

E, quando as gralhas se reuniram novamente, a neve voltara a cair em grossos flocos. Estavam agora ainda mais preocupadas e um grande barulho de grasnados e gritos denunciava a sua agitação.

Uma gralha aristocrática e elegante gritava que deveriam forçar os pardais para que trouxessem pão, porque eles tinham a astúcia e o atrevimento necessários para roubar os seres humanos. Mas o pedido foi recusado com grande indignação.

Uma jovem gralha propunha imitar as andorinhas e cegonhas e emigrar para uma terra mais quente. Mas quando perguntaram pela rota, ela não soube responder e disse que só tinha escutado que era preciso atravessar o mar. Todos começaram a gritar:

-Não. Não. Preferimos morrer de fome aqui a voar para o estrangeiro desconhecido e atravessar o mar, de jeito nenhum!

- Pois que voem para as casas dos seres humanos, dizia uma gralha mansa; eles são bons e nos darão de comer; já faz muitos anos que não mais preciso procurar por um único grãozinho no inverno.

Mas neste momento as gralhas começavam grasnar terrivelmente:

- Que horror, vá embora, vá para seus seres humanos, deixe que aparem as suas asas, faça caretas e truques. Nós não nascemos para ser escravos e palhaços!

E mandaram embora a gralha mansa com mordidas e golpes.

Quando a assembléia voltou a se acalmar, uma gralha muita viajada falou com alguns golpes pensativos de asas:

- Podemos tentar descongelar a neve, como às vezes fazem os seres humanos.

E como ninguém tinha uma proposta melhor, as gralhas aceitaram caladas.

No próximo dia, milhares de gralhas sentaram-se na neve recém caída. Sob os corpos quentes dos pássaros, apareciam pequenas poças de água. Muitos congelavam neste trabalho terrível, mas os recém chegados pegavam seus lugares. Dessa maneira, esperavam com perseverança a realização do seu sonho e suportavam todo o incômodo.

Passados alguns dias, o sol chegou de repente. E o que os milhares de almas não teriam conseguido em cem anos, o filho do céu conseguiu em algumas horas!

A malvada neve começou a desaparecer rapidamente e a terra tornou-se limpa e fértil. As gralhas tinham comida suficiente.

Mas pergunte para as gralhas. Estão convencidas de que o sol não teria conseguido nada sem elas. Sim, a maior parte do trabalho correspondia a elas!

Escutem as gralhas nos campos; vocês podem ouvir como elogiam sua própria força e sabedoria! Mas o sol brilha e se cala e deixa as gralhas acreditarem na sua ilusão!

Tradução de Erica Foerthmann Schultz, com a colaboração dos alunos de Tradução do Alemão II, 2008/1.